



CORPOS E GÊNERO: UMA LEITURA HISTÓRICA

BODIES AND GENDER: A HISTORICAL READING

Lourdes Conde Feitosa¹

Universidade do Sagrado Coração

Poliana da Silva Almeida Santos Camargo²

Universidade do Sagrado Coração

Maria Ivone Marchi-Costa³

Universidade do Sagrado Coração

Resumo: A partir das discussões realizadas no Grupo de Pesquisa "Gênero, sexualidade e sociedades", cadastrado no CNPq e sediado na USC desde 2012, propõe-se refletir a respeito das composições de gênero nas constituições dos corpos, em suas relações sexo-afetivas, assim como a promoção da objetividade, da sensibilização e da tolerância no processo de análise desses corpos em contextos e temporalidades distintas. A partir da análise de obras literárias e inscrições epigráficas da Antiguidade Romana do século I d.C. discute-se as configurações sexuais e/ou afetivas relacionadas ao uso do

Abstract: From discussions originated in the research group "Gênero, sexualidade e sociedades" (Gender, sexuality and societies), with base at CNPq and located at USC since 2012, we propose reflections about gender involving body's compositions, sex affectivities relations and promotion of objectivity, awareness and tolerance with these circumstances that consider different contexts and temporality. Considering literary fonts and epigraphic inscriptions from Ancient Roman Empire, first century d. C, we discuss sexual and/or affective configurations

¹ Professora Doutora Adjunta II do curso de História e Coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em História, Cultura e Poder da Universidade do Sagrado Coração. Professora do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Líder do grupo de Pesquisa "Gênero, sexualidade e sociedades", cadastrado no CNPq no endereço: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9594242383002685. Endereço eletrônico: loufeitosa@uol.com.br

² Professora Doutora Adjunta II do curso de Pedagogia e Licenciaturas da Universidade do Sagrado Coração. Vice-líder do grupo de Pesquisa "Gênero, sexualidade e sociedades". Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional – GEPALÉ – FE/UNICAMP, cadastrado no CNPq no endereço: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2106410548563108>

³ Professora Doutoranda do curso de Psicologia e dos programas Lato-Sensu em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia da Universidade do Sagrado Coração. Membro do grupo de Pesquisa "Gênero, sexualidade e sociedades".

corpo como lugar de definição do espaço social, mas também como *locus* de resistência, questionando comportamentos definidos como próprios da natureza humana e retorquindo supostas tradições, autoritárias e normativas, a respeito das construções de gênero e do lugar da sexualidade.

related to the body as a way to define social space, but also as a *locus* of resistance. So we enquire about defined behaviors as natural for human and review some authoritative and normative traditions about gender constructions and the place of sexuality.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Sociedade-Romana.

Keywords: Gender. Sexuality. Roman Society.

A abordagem de gênero surge como perspectiva de reflexão acadêmica no decorrer dos anos de 1980, perpassando, desde então, diferentes áreas do saber científico. No Brasil, apresenta os seus primeiros resultados na década seguinte e tem-se fortalecido como tema de discussão e análise em variados espaços que vão desde o universo acadêmico, com pesquisas desenvolvidas nos programas de graduação, pós-graduação e em grupos de pesquisas; o educacional, que envolve os planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação; e o âmbito social, com acirrados debates que incluem instâncias do poder público, do Legislativo e de Movimentos Sociais sobre as diferenças de gênero e de sexualidade existentes na sociedade brasileira.

Com o desenvolvimento de discussões e do reconhecimento de sujeitos femininos e masculinos que não mais se identificam com o tradicional pressuposto de uma sexualidade definida pelo biológico e da crença comum de que sexo, gênero e sexualidade existam em uma relação de correspondência linear (BUTLER, 2003^a; LOURO, 1997) é que se propõe a presente reflexão.

A abordagem de gênero é a de questionar o uso dos conceitos "homem" e "mulher" como categorias biológicas, fixas e universais, e de conferir à diferença sexual não apenas um parâmetro exclusivo e natural da distinção entre eles. Isso porque gênero aborda os variados comportamentos e significados que os conceitos de feminino e de masculino adquirem em contextos históricos específicos, a partir dos valores sócio-culturais e dos embates discursivos em que foram e são formulados (SCOTT, 1995).

A classificação dos indivíduos entre mulher e homem, segundo suas características físicas e com desempenhos e parceiros sexuais específicos, fixados por uma tradição moral baseada em relações heterossexuais, passou a ser incessantemente debatida nas últimas décadas. Essas discussões refletiram-se no campo teórico com análises preocupadas com as variedades que os comportamentos pessoais, as relações afetivas e sexuais e os valores morais adquiriram ao longo da História (FEITOSA; RAGO, 2008).

A sexualidade é considerada mais do que uma atividade biológica, orgânica, mas fundamentalmente cultural. Inclui as diversas práticas sexuais, o que é definido por erótico e as identidades sexuais construídas. Desta maneira, a profusão de comportamentos sociais e sexuais evidencia grande riqueza e diversidade na composição dos femininos e dos masculinos (MATOS, 2009, p. 289; MARCHI-COSTA; PASCHOAL; GRANDESSO, 2017).

Segundo Louro (1997), diante da fluidez na composição dos indivíduos, faz-se pertinente uma distinção entre identidade sexual e identidade de gênero: a primeira é constituída por meio da vivência da sexualidade com parceiros do mesmo sexo, sexo oposto ou sem parceiros, ou seja, a orientação sexual aponta para qual sexo o indivíduo sente atração física e sexual. Já a identidade de gênero é constituída por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos, nas quais se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos (LOURO, 1997). Nessa direção, a autora ratifica que a escola, igreja, família, mídia e a sociedade em geral são instituições que determinam e moldam comportamentos. Da mesma maneira que discriminam parte das pessoas que não seguem rótulos estabelecidos e ou não se enquadram nos discursos da heteronormatividade (LOURO, 2001).

Na perspectiva do construcionismo social, o sujeito constrói o conhecimento através de suas interações sociais. Portanto, contrapõe-se ao essencialismo, que pressupõe que todos os seres e objetos possuem uma essência natural ou cultural, que seja fixa, imutável (WEEKS, 2007). Assim, é proposto que os sujeitos não têm uma só identidade, mas sim, múltiplos referentes de identidade que se entrelaçam. A identidade não é algo inato, ao contrário, se constrói a partir de vários aspectos no qual se desenvolvem as experiências pessoais, como os contextos e os intercâmbios diante dos costumes e das normas sociais e de sua capacidade de reinventar-se nos

territórios de interação social e mediação. Desse modo, o sujeito pós-moderno é conceituado como não tendo uma identidade fixa, mas fluída, assumindo-a de diferentes formas, em diferentes momentos (HALL, 2003).

Em relação à sexualidade, esta teoria nos remete ao aspecto discursivo de sua construção, que pressupõe diversas formas de formatação e compreensão. Por esse ângulo, não há uma elucidação verdadeira e/ou certa sobre a homossexualidade ou heterossexualidade, por exemplo, já que as categorias utilizadas para definir as expressões das sexualidades são específicas de cada cultura e período histórico e não tem, necessariamente, operado da mesma forma em todas as épocas (LAQUEUR, 2001; SULLIVAN, 2003).

Desse modo, assumir uma perspectiva construcionista da sexualidade implica considerar que na posição de pesquisadoras é fundamental questionar o discurso da norma e ratificar o caráter construído e não natural do sexo (PACKARD, 1996). A ingente tarefa tem sido a de estabelecer leituras criteriosas dos diferentes sentidos que a sexualidade adquire em momentos históricos específicos, segundo as tradições, os costumes e os valores religiosos e morais dos variados grupos sociais, e analisar outras acepções diante de sensações, desejos, sensualidades e normas que marcarão a forma de vivenciá-la. Conceber que não temos uma verdadeira e única identidade sexual interna que é expressa no cotidiano, mas, ao contrário, que realizamos uma performance de gênero/sexo que nos possibilita ser reconhecidos como pertencendo a um gênero/sexo específico (BUTLER, 2003^b). Por fim, lembrar que as categorias sexuais como homossexual, heterossexual ou bissexual tem uma história muito recente e que servem para produzir hierarquias sociais (FOUCAULT, 1997), nas quais é fundamental analisar quem ganha e quem perde com determinadas descrições sobre as formas de viver a sexualidade.

Escola, formação docente e gênero

Ao considerarmos as hierarquias sociais é possível evidenciá-las em diferentes contextos, dentre eles o da educação. Neste âmbito, existe um conceito importante quando estudamos a história da educação no Brasil que é a ideologia da interdição do corpo (FREIRE, 2001). Esse termo foi desenvolvido para explicar que houve um momento na história brasileira (meados de 1534 a 1850) em que mulheres, negros e

índios foram impedidos de frequentar as escolas e os espaços educativos em que a cultura era discutida. Nos dias atuais essa “interdição” continua ocorrendo explícita ou implicitamente. Ao analisar os processos educacionais e as relações de poder estabelecidas na sociedade, é possível observar que essa ideologia vem se delineando de diferentes formas.

É admissível estabelecermos uma relação entre a ideologia da interdição do corpo com as relações de poder que se estabelecem entre as pessoas que não seguem os padrões estabelecidos pelo heteronormatividade. De certa forma, por não seguirem os preceitos das normas vigentes têm seus corpos interditados, ou seja, não são impedidos de frequentar espaços como outrora, mas há preconceitos, restrições e impedimentos explícitos e implícitos que influenciam a intersubjetividade e impedem o pleno desenvolvimento saudável do ser humano e, conseqüentemente, de sua identidade de gênero.

Na contemporaneidade, as relações entre gêneros estão sendo questionadas. Autores como Scott (1995), Laqueur (2001), Moura e Araújo (2004), Magalhães e Sabatine (2011), Rabelo, Pereira e Reis (2013) e outros apresentam reflexões sobre como a sociedade lida com as características que diferenciam homens, mulheres e estabelecem padrões de comportamentos tradicionais que direcionam as características, as atitudes, as vestimentas, etc. em relação ao que pode/não pode e deve/não deve ser permitido para as mulheres e para os homens executar, vestir, se comportar, etc.

Vieira (2013, p. 75) destaca que ainda hoje é identificada uma “ordem de gênero” que influencia no desenvolvimento de meninas e meninos:

[...] Estas ideias aprendidas, e raramente questionadas, sobre o que é suposto ser-se ou fazer-se enquanto membros de um sexo ou do outro, costumam ser reforçadas pelos diversos agentes socializadores junto das crianças pequenas, em contextos com a família e a escola, e a coerência das mensagens transmitidas é suficientemente robusta, a ponto de poder interferir nos trajectos individuais de meninos e meninas, nas fases subseqüentes do desenvolvimento (VIEIRA, 2013, p. 75).

Como já explicitado, a família e a escola têm grande influência no processo de permanência ou minimização das normatividades relacionadas às questões de sexualidade e gênero. Por meio de estudos realizados no grupo de pesquisa, podemos inferir que são importantes as intersecções entre educação, gênero,

sexualidade como um dos caminhos para sensibilizar sujeitos no processo de constituição da tolerância e do respeito às diferenças.

Uma possibilidade de intervenção seria introduzir nos cursos de formação docente inicial e continuada espaços de leitura, reflexão e principalmente diálogo sobre os temas. Ribeiro (2013, p. 7) explicita que historicamente houve um aumento na produção e na qualidade dos trabalhos, estudos e textos sobre esses temas, no entanto, ainda hoje é incipiente o financiamento destinado para uma formação significativa dos profissionais que atuam nas áreas de saúde e educacional “para que possam desenvolver ações interventivas educativas envolvendo questões de sexualidade, gênero, corpo e diversidade sexual”.

O autor ainda argumenta que:

Formar profissionais conscientes da importância do desenvolvimento de ações efetivas no campo de sexualidade e da educação sexual, capacitados para trabalhar com educação sexual na escola e nos diferentes ambientes de saúde, é imprescindível se quisermos contribuir na formação e informação das pessoas em sua globalidade e totalidade. [...] é de fundamental importância propiciar uma formação que estimule a participação dos professores. [...] Os professores deverão, assim, ser encorajados a expressar suas ideias e opiniões sem ter que dar depoimentos pessoais. O espaço deve ser aberto à reflexão, auxiliando-os a repensar valores e ressignificar suas vivências, sem ter que expor sua intimidade no grupo (RIBEIRO, 2013, p. 13).

Uma percepção dos membros do grupo de pesquisa é que quando temos a possibilidade de ir até as escolas e iniciar um diálogo sobre esse assunto, há certo receio e ideia equivocada por parte das equipes gestora e docente por considerarem que o objetivo é incentivar a sexualidade ou fazer “aflorar” tendências homoafetivas.

Baseado em diálogos e em pesquisas realizadas pelo grupo como por exemplo (CAMARGO, VOIGT, ALMEIDA, 2016), podemos inferir que há um discurso progressista com tendências igualitárias em relação às questões de gênero e sexualidade, mas quando aprofundamos o assunto ou utilizamos instrumentos de coleta de dados mais abertos, podemos identificar questionamentos em relação às heteronormatividade em contraponto às manifestações binárias, ou seja, expressões que determinam ações que devem ser especificamente realizadas por homens e por mulheres.

Ainda hoje há uma distância entre as produções na área e o diálogo na escola. Em outras palavras, as pesquisas são dificilmente implementadas no âmbito escolar,

principalmente pela inexistência de legislação específica que determine a obrigatoriedade de trabalhar esse assunto pela via da educação escolar:

Não é mais possível esconder que crianças, adolescentes e jovens têm um comportamento sexual ativo que necessita de orientação. No entanto, não no sentido moral e repressor, mas em sua dimensão de vida de relação entre os sexos, de vida social e afetiva e de crescimento pessoal. Uma educação sexual em que se possa tanto debater e questionar tabus e preconceitos quanto incorporar conhecimentos de anatomia e fisiologia sexual ao mesmo tempo em que se lida com a ansiedade, o medo e a culpa e discute sobre diversidade sexual, igualdade de gênero e corpo (RIBEIRO, 2013, p. 12).

As relações entre educação, formação docente e gênero ainda são pouco estudadas na contemporaneidade, representando um campo profícuo para novas investigações e descobertas. O diálogo aberto e emancipatório sobre as diferenças entre homens e mulheres, gênero, identidade de gênero e sexualidade no interior das instituições escolares possibilita reflexões e questionamentos a respeito dos "estereótipos de gênero" (VIEIRA, 2013, p. 79), da heteronormatividade, da ideologia da interdição de corpos, das relações de poder, etc. e, quiçá, modificações de paradigmas entre o que é exclusivamente feminino ou masculino.

A partir destas reflexões, apresentamos como contraponto às discussões atuais de gênero e sexualidade uma análise de como tais conceitos podem ser interpretados para a sociedade romana do I século d. C.. A análise de outro período histórico propicia questionar comportamentos definidos como próprios da natureza humana e retorquir supostas tradições, autoritárias e normativas, a respeito das construções de gênero e do lugar da sexualidade, que foram apresentadas como verdades a partir do século XIX, em um importante movimento de desconstrução das ideologias ao se considerar os seus aspectos histórico e cultural.

E este é o intento de nossa participação nesta discussão. Apresentar elementos das tensões existentes em discursos definidores das composições de gênero, tendo como contraponto às acepções atuais, a Antiguidade romana do I séc. d.C., com especial atenção para as normas sobre o uso do corpo e da sexualidade na composição dos lugares sociais indicados aos diferentes indivíduos. A análise de excertos literários romanos, grafites de Pompéia e obras historiográficas contemporâneas sobre o tema serão usados no intuito de discutir "Sexualidade e Gênero", proposto para o presente dossiê.

Um olhar sobre os corpos romanos

Para discutirmos as prescrições direcionadas aos usos dos corpos, um primeiro aspecto a ser enfatizado é que a sociedade romana integrava uma ampla região que circundava toda a Bacia Mediterrânea e compunha-se de povos diversos anexados ao longo do processo de conquista. Essa característica resultou em variedades econômicas, étnicas, de idade, sexo, profissão e língua que interferiam, de modo profundo, no lugar social ocupado pelos indivíduos e nas relações de poder estabelecidas no século I. A profusão de comportamentos sociais e sexuais evidencia grande riqueza e diversidade na composição dos femininos e dos masculinos. Ciente desta diversidade e complexidade, a presente reflexão discute sobre membros de grupos populares: escravos e libertos, representados em grafites escritos pelos próprios populares de Pompéia, e em textos literários de Marcial e Ovídio, componentes das elites romanas. É a partir deste universo que consideraremos as configurações sexuais e/ou afetivas relacionadas ao uso do corpo como lugar de definição do espaço social, mas também como *locus* de resistência.

Como enfatizado, a percepção aqui utilizada a respeito do corpo é que este não se limita às concepções orgânicas e universais. O estudo do corpo, dos seus cuidados e de sua postura é mediado pelos aspectos culturais, que demarcam as diferentes maneiras de tratá-lo e interferem na distribuição das funções exercidas pelos indivíduos na sociedade. Posturas, gestos, costumes, cuidados e ornamentações tornam-se importantes distintivos nas definições de gênero e permeiam os embates estabelecidos entre os vários grupos sociais (FUNARI; FEITOSA, 2015).

Por meio de fontes literárias e epigráficas é possível relacionarmos práticas sexuais, corpos, definições de masculino/feminino e espaço social no universo popular, considerando as relações de poder e de dominação, tanto em âmbito social como no campo discursivo e das representações (FOUCALT, 1990, p. 26 e 63), mas, ao mesmo tempo, resistências e concepções alternativas àquelas investidas pelas elites romanas.

Corpos Femininos

Ovídio foi o poeta do amor. Com uma biografia escassa e imprecisa, como a de grande parte dos autores latinos, nasceu em 43 a. C., na cidade de Sulmo, e parece ter sido filho de família equestre. Educou-se em Roma e completou sua formação em Atenas; trabalhou na Sicília e na Ásia Menor e participou brevemente da vida política, abandonando-a para dedicar-se à poesia; morreu no ano de 17 ou 18 d. C. Os seus escritos foram destinados a um público geral e ganharam repercussão em rincões do império.

Em suas obras *Os Amores* e *A Arte de Amar*, orienta homens e mulheres a respeito das táticas do amor. Apresenta situações amorosas nas quais canta as alegrias e proezas de um amor clandestino e furtivo, bem como as relações a serem evitadas. É sobre elas que trataremos, pois estão relacionadas às libertas e escravas.

Em *A Arte de Amar* afirma o autor:

[...] eu não canto aqui os prazeres que a lei não permite, de modo nenhum os nossos conselhos envolvem as senhoras" (2,114). ... "não falarei sobre a maneira de iludir a razão de um marido sagaz ou de um guarda atento. Que a mulher casada tema ao marido; que sua vigilância seja bem assegurada; assim convém, assim mandam as leis, o direito e o pudor. Tu, também submetida a tal vigilância, tu libertada há pouco, que farás? Para enganares, vem ao meu culto (3, 178)].

Até o século terceiro d.C. não existia a instituição do casamento entre escravos (TREGGIARI, s/d, p. 91). Mulheres não virgens, promíscuas, de certo, não tinham sido educadas para se portarem como matronas, mulheres respeitáveis, segundo a moral aristocrática.

Das relações afetuosas são excluídas as escravas e as prostitutas (escravas, libertas ou livres pobres), como anuncia o poeta em *Os Amores*:

Preservem-me os deuses, se me quiserem julgar culpado, de querer estar com uma simples serva! Que homem livre gostaria de se unir a uma escrava e envolver em seus braços um dos destruidores de chicotadas? Eu te juro por Vênus, pelas armas de seus filhos levianos, que deste crime não sou absolutamente culpado (2, 7).

Uma meretriz se vende, a tal preço, ao primeiro bem-sucedido: é fazendo do abandono de seu corpo que ela adquire miseráveis riquezas... A mulher só gosta de se vangloriar, de espoliar o homem; só ela coloca preço em suas noites, só ela ousa se colocar em locação (1, 10) (OVÍDIO, 1945).

Segundo o parecer de Ovídio, a escrava é um ser sórdido, inferior e indigno de um homem livre. Conceito melhor não goza a prostituta, condenada por vender o seu corpo. Nenhuma relação afetiva poderia ser mantida com tais mulheres. A partir

deste estereótipo, é justificável que Ovídio escolha uma liberta para representar uma relação amorosa que não coloque em questão a moral da mulher respeitável: “Prestai atenção às minhas lições jovem que o pudor e as leis permitem” (3, 132).

Nestas duas passagens evidencia-se a estrutura de poder e de dominação romana, em um estreito vínculo entre corpo, sexualidade, definição de gênero e *status* social. A partir de Foucault, compreendeu-se o corpo como um composto de forças em constante combate, investido por relações de poder e de dominação, tanto no ambiente social como no campo discursivo e das representações (FOUCAULT, 1990, 1997, 2007). Entretanto, este deve ser observado como um local em que se efetuam, ao mesmo tempo, acomodações, adaptações e resistências (MESKELL, 1998).

Em Pompéia, homens e mulheres livres, escravos e libertos formavam o grupo dos *humiliores*, (*humilis*, “o que está no chão” [*humus*], “o de baixa condição”, “o comum”, “o modesto”), ou seja, os de origem pobre, ausentes do poder e das dignidades públicas (FEITOSA, 2005). Distantes da boa condição financeira, das tradições familiares e das influências baseadas nas relações pessoais, compunham o mesmo lado da pirâmide social, embora distintos em suas condições jurídicas. Nos escritos das paredes, são eles que compartilham anseios, alegrias, sentimentos e disputas amorosas, nos quais se percebe um contorno mais bem definido das relações de gênero:

Amethystus nec sine sua Valentina (CIL, IV, 4858)

[Ametusto não vive sem sua Valentina]⁴,

*Vibius Restitutus hic solus dormiuit
et Vrbanam suam desiderabat* (CIL, IV, 2146)

[Víbio Restituto aqui dormiu sozinho e lembrou-se ardentemente de sua amada Urbana],

(H)ic sumus felices. Valiamus recte (CIL, IV, 8657)

[Aqui somos felizes. E continuamos firmes],

*Seccessus textor amat coponiaes ancilla(m)
Nomine Hiredem, quae quidem illum
Non curat, sed ille rogat, illa com(m)iseretur
Scribit rivalis. Vale*

*Invidiose, quia rumperes, sedare noli formosiozem
Et qui est homo pravessimus et bellus*

*Dixi, scripsi. Amas Hiredem, quae te non curat
Sev(erus ?) Successo, ut su(p)ra(?)...s..... Severus* (CIL, IV, 8258-9)

⁴ As versões para o português aqui apresentadas foram realizadas por Feitosa, salvo quando indicado.

[O tecelão Sucesso ama a escrava taberneira Híris, a que não quer saber dele, mas ele pede que ela tenha dó dele. Responde, rival! Saudações. Intervém porque é um invejoso! Não queira bancar o engraçadinho, seu mau-caráter galanteador! Disse e escrevi (a verdade): você ama Híris, que não quer saber de ti. De Severo para Sucesso: o que escrevi antes é exatamente o que se passa. Assinado: Severo]⁵.

Estas memórias populares registradas nas paredes permitem-nos identificar concepções e valores amorosos muito distantes daqueles prescritos entre e para as elites. Complementaremos a nossa análise com uma reflexão sobre os corpos masculinos.

Corpos masculinos

Com o propósito de refletirmos sobre a constituição do masculino a partir do trato do corpo e da sexualidade no universo popular, as discussões focadas na masculinidade das elites romanas servirão como contraponto para a nossa reflexão. Walters e Cantarella enfatizam que no comportamento sexual idealizado pela elite de Roma, o *stuprum* caracterizaria a penetração de outro **cidadão**, jovem ou adulto, e de mulheres aristocráticas, casadas, solteiras ou viúvas, prática que punha em perigo a *pudicitia* – honra/virtude – do sangue romano, mesmo que não fosse forçada (WALTERS, 1997; CANTARELLA, 1991). Os epigramas Eróticos de Marcial são preciosos para o estudo destas relações, que são apresentadas em tom satírico, em explícita crítica dirigida a certos tipos de comportamentos, mais do que indicadas a pessoas específicas (MARCIAL, 1910; DEZZOTTI, 1990, p. 65).

Marco Valério Marcial teria nascido entre 31 e 41 d.C. em BÍlbilis, uma cidade da Hispania Terraconense, e chegado a Roma por volta do ano 64. Consegue a fama com o lançamento dos epigramas nos anos 80, em comemoração a inauguração de anfiteatro Flávio (POSSAMAI, 2010).

Entre os temas tratados, recebem deferência os relacionados aos cuidados do corpo e das práticas sexuais:

Não enroles o cabelo, Pannico, mas nunca te exibas com grande cabeleira. Nunca brilhe a tua pele, mas nem por isso a tenha oleosa, a inspirar repugnância. Não lembre tua barba a dos que levam mitra, nem tampouco a de um criminoso preste a morrer. Eu não gosto de homem nem muito viril nem efeminado. Você

⁵ Seguimos a transliteração realizada por Funari (1989, p. 19).

terá as pernas muito peludas e no peito repleto de longos pelos, mas a tua alma, Pannico, é de mulher! (MARCIAL, Lib.II, ep.36, p 91).

Viril e efeminado são dois conceitos apresentados acima por Marcial. Podemos perceber os sentidos a eles atribuídos no tom satírico usado nos epigramas abaixo:

Você dorme, Febo com escravos jovens cheios de virilidade, e o que neles é duro e poderoso, aparece em ti imperceptível. Eu sabia que você gostava de homens, mas ignorava teu minguado papel (MARCIAL, lib. III, ep. 73, p.. 102/103).

Ao teu escravo dói o pênis, em ti, Névolu, dói o traseiro. Não é necessário ser muito esperto para adivinhar tuas aflições (MARCIAL, lib. III, ep. 71 p. 101/102).

Se a passividade masculina para os cidadãos romanos era moralmente negada, embora muitas vezes vivenciada, outras situações sexuais como a prática da *cunilingua* (*cunnum lingere*) e da *felação* (*fellatio*) também são cantadas por Marcial, que não poupa sutilezas cômicas para apresentar tais aspectos. Assim diz o autor: "Por que não te beijo, Filenis? Porque você é careca (calva). Por que não te beijo, Filenis? Porque seu rosto está manchado. Por que não te beijo, Filenis? Porque você é torta! Beijar-te, Filenis, é exatamente como chupar um pênis". (MARCIAL, lib. II, ep. 61, p. 96).

Ovídio não poupa papel e tinta para tratar do tema da cunilíngua: "Você diz que a boca dos pederastas cheira mal. Se for verdade, Fabulo, como vão cheirar aqueles que praticam a cunilíngua?" (MARCIAL, lib. XII, ep.86, p. 172).

E é minucioso na fúria aplicada por um marido traído ao amante de sua esposa, embora reconheça a ineficiência de tal castigo:

Você desfigurou, oh marido cruel! Oh infeliz amante de tua adúltera esposa, e a cara do pobre, privada de nariz e orelhas por tua furiosa mão, reclama em vão tudo o que te falta. E acredita estar suficientemente vingado!
Você se ilude: ele ainda tem língua! (MARCIAL, lib. II, ep.83, p. 98).

O mesmo faz no epigrama 81 do livro III:

Castrado Bético, tens algum trato com as mulheres? Nenhum; tua língua sabe lamber apenas o membro dos homens. Por que deixou que teu membro fosse cortado com o casco samio se o órgão feminino te era agradável? Deveriam é ter castrado a tua cabeça, porque, mesmo que te falta o sexo, ainda infringes as severas leis de Cibele: mas pela boca, todavia, és homem. (MARCIAL, lib.III, ep. 81, p. 105).

Como apresentado por Ovídio e à diferença do que acontece na iconografia romana, a prática da cunilíngua é mencionada com considerável frequência nos

grafites. Estas citações seriam alusões ofensivas, direcionadas às pessoas que se desejava atingir, como afirma Adams, especialista em vocábulos latinos sobre sexo (ADAMS, 1996, p. 114).

A leitura da inscrição CIL, IV, 10150 pode sugerir que, de fato, o escritor desejasse alvejar moralmente a pessoa a qual fazia menção (cujo nome está apagado), elencando, como atividade derradeira, aquela que lhe parecia ordinária:

(Cum) de(d)uxisti octies, tibi superat, ut (h)abeas sedecies. Coponium fecisti. Cretaria fecisti. Salsamentaria fecisti. Pistorium fecisti. Agricola fuisti. Aere minutaria fecisti. Propola fuisti. Laguncularia nunc facis. Si cunnu(m) linxseeris, consummaris omnia

[..como completou oito vezes, ele ainda te vence, que complete, então, dezesseis. Trabalhou como taberneiro; trabalhou como oleiro, salameiro, padeiro, agricultor, bronzista de bijuterias, vendedor ambulante; agora é oleiro de vasilhinhos. Para completar, só falta chupar bocetas!] (ADAMS, 1996, p. 114).

Se a passividade sexual e o sentido a ela atribuído como a falta de virilidade, de autodomínio e de virtude social era moralmente desprezível no discurso aristocrático. Contudo, tanto em Ovídio como nos grafites, as práticas da felação e da cunilíngua são citadas de modo corrente e atribuídas a grupos sociais distintos.

Ao considerarmos estas inscrições de Pompéia:

Eliu cined, Nua Eliunaleas (CIL, IV, 5268)

Elio, efeminado. Elio, adeus;

Julius cinaedus (CIL, IV, 4201)

Julio, efeminado,

Não é possível saber ao certo se tais inscrições fazem referências literais a esta atividade sexual ou se são menções desonrosas e ofensivas direcionadas a Elio e a Júlio. De acordo com Della Corte (1954, p. 84) e Cartelle (1981, p. 139) esses comentários eram injuriosos, e para Varone a maior parte dessas referências tinha o desejo de por na berlinda as pessoas citadas (VARONE, 1994, p. 126).

O sentido de efeminado também não deve ter uma conotação imediata com o pressuposto em dias atuais, ou seja, uma pessoa com gestos mais delicados e trejeitos que seriam referências femininas e não masculinas.

Desta maneira, também as frases abaixo, que tratam de situações distintas:

Trebonius eycini ceuentinabiliter, Arrurabeiter (CIL, IV, 4126)

Trebonio saúda a Euque à maneira dos maricas e feladores⁶;

Amandus cunn linget (CIL, IV, 1255)

Amando pratica a cunilíngua,

⁶ Tradução proposta por Cartelle (1981, n. 145, p. 136).

são considerados, por si só, atos “invertidos” e negativos, mesmo que estes indivíduos não possuíssem gestos e comportamentos considerados próprios de mulheres.

Seriam estas inscrições ofensivas? Injúrias? Prática efetiva? Cantarella defende que a prática homossexual era presente entre os diferentes estratos sociais durante o século I. Portanto, ser o passivo na relação sexual não seria símbolo de sujeição e falta de virilidade, característica dos populares segundo a visão aristocrática, pois ser o passivo ou o ativo não seria o grande divisor entre ser homem ou não no final da República e início do Império. Funari e Feitosa reiteram: “o general romano Julio Cesar era não apenas o conquistador de garotinhas (como Cleópatra), mas também ele era a rainha de Bitínia! Alexandre já não era só o amante de Roxane, como companheiro de Heféstion” (FEITOSA; FUNARI, 2014). Exemplos de que as composições de gênero na Antiguidade envolve articulações complexas, que são difusas no corpo social, nas condições econômicas e no emaranhado de tradições culturais.

Considerações finais

Olhar para Antiguidade Romana, tão distante de nosso tempo, permite-nos refletir como, em diferentes tempos e espaços históricos, experimentou-se variadas vivências do que modernamente atribuímos à sexualidade e aos papéis de gênero. As releituras tanto de textos literários quanto epigráficos evidenciam que as regras da tradição romana já não eram respeitadas no século I. d.C. e a passividade sexual era menos significativa do que, por exemplo, as cicatrizes de um soldado, marcas de resistência às agressões do mundo, estas sim, símbolos de masculinidade. Ou seja, as diferenças entre aqueles pertencentes ao universo masculino eram marcadas pelo campo social e discursivo e não biológico. Portanto, na Antiguidade romana a demanda cultural sobrepunha-se à concepção de sexo biológico e termos como “identidade”, “orientação” ou “homossexualidade” tornam-se inoperantes para aquela sociedade (MURPHY, SPEAR, 2011; PHILLIPS, REAY, 2011).

Compreender a complexidade destas composições propicia replicar supostas tradições, autoritárias e normativas, a respeito das construções de gênero e do lugar da sexualidade, em um importante movimento de desconstrução das ideologias

apresentadas tanto para o passado com para os dias atuais. Por isso a importância de questionar, em todas as instâncias da vida social e educacional, as certezas, as verdades absolutas e universais que essencializam formas de vidas e que nutrem discriminações e a exclusão daqueles que escapam a tais verdades. E dentre essas incluímos a pluralidade de gênero e sexualidade.

Referências bibliográficas

ADAMS, J. N. **Il vocabolario del sesso a Roma. Analisi del linguaggio sessuale nella latinità**. Tradução de Maria Laetitia Riccio Coletti e Enrico Riccio. Roma: Argo, 1996, p. 114.

BUTLER, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, n.21, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2003^a.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003^b.

CAMARGO, P. S. A. S.; VOIGT, L. P.; ALMEIDA, M. F. Percepções docentes sobre as relações de gênero, os processos de escolarização e a formação docente na EJA. **Revista EJA em Debate**, v. 5, n. 8, p. 1-24. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2114/01A#.WR7YeuvyIU>. Acesso em: 15 maio 2017.

CANTARELLA, E. **Según la natura**. La bisexualidad en el mundo antiguo. Tradução de María del Mar L. Garcia. Madrid: Akal, 1991.

DEZZOTTI, J. D. O **Epigrama Latino e sua Expressão Vernácula**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1990, p. 65.

FEITOSA, L.C; FUNARI, P. P. Amor e Sexualidade na Antiguidade: estética masculina e o jogo entre austeridade e sedução. Nós, os Antigos, **XI Semana de Estudos Clássicos da FEUSP**, 2014, p. 153-166. Disponível em: https://www.academia.edu/9868242/Amor_e_sexualidade_na_Antiguidade_estetica_masculina_e_o_jogo_entre_austeridade_e_seducao?auto_accept_coauthor=true> Acesso em: 16 abr. 2017.

FEITOSA, L, C; RAGO, M. Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e gênero na Antiguidade e na Modernidade. In: RAGO, M.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.) **Subjetividades antigas e Modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997. v. 1.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I, II e III**. São Paulo: Edições Graal, 1990, 1999 e 2007.

FUNARI, P.P.A.; FEITOSA, L.C. *Feeling the Roman skin: unsettled, conformed and plural bodies*. In: PELLINI, J. R., ZARANKIN, A.; SALERNO, M. A. (Eds). **Coming to Senses: Topics in Sensorial Archaeology**. Cambridge, Cambridge University Press, 2015.

- FUNARI, P. P. A. **Cultura popular na Antiguidade clássica**. São Paulo: Contexto, 1989, p. 19.
- FREIRE, A. M. A. **Analfabetismo no Brasil**: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos (1534-1930). 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- HALL, S. **A identidade no plural**. Tradução de Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, G.L. Teoria *queer* - Uma política pós identitária para a educação. **Revista estudos feministas**, v. 9, n. 2, p.541-553, 2001.
- LOURO, G.L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MAGALHÃES, B. R. de; SABATINE, T. T. A saúde como estilo e o corpo como objeto de intervenção. In: SOUZA, L. A. F. de; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. de. **Michel Foucault**: sexualidade, corpo e direito. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- MARCHI-COSTA, PASCHOAL, Z. T.C.N., GRANDESSO, M. Sexual plurality, social inclusion and education: Collaborative speeches looking for new meanings. **Anais Third international conference of collaborative and dialogic practices: conversations with and among education, research, health, social practices, Psychotherapy**. Guajara campus, universidad de la Laguna Tenerife, Canary Islands, Spain, 2017. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/f53572_87d645024c154987aa0f9a934854e91a.pdf. Acesso em 23 mar. 2017.
- MATOS, M. I. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. In: PISCITELLI, A. *et al* (Orgs.) **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 277-289.
- MESKELL, L. *The irresistible body and the seduction of Archaeology*. In: MONTSERRAT, D. (Ed.) **Changing bodies, changing meanings. Studies on the human body in Antiquity**. London and New York: Routledge, 1998, p. 58.
- MURPHY, K. P.; SPEAR, J. M. (Eds) **Historicising gender and sexuality**. Malaysia: Wiley-Blackwell, 2011.
- PACKARD, V. **The sexual wilderness**: the contemporary upheaval in male-female relationships. New York : David McKay C., 1996.
- PARKER, H. N. The teratogenic grid. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) **Roman sexualities**. New Jersey: Princeton, 1997. p. 47-65.
- PHILLIPS, K. M.; REAY, B. **Sex before sexuality**. *A premodern History*. Cambridge, Polity, 2011.

POSSAMAI, Paulo Cesar. Sexo e Poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal. **Revista Bagoás: Estudos Gays: Gênero e Sexualidade**, Rio Grande do Norte, n. 05, p. 79-94. 2010. Disponível em: <<http://incubadora.ufrn.br/index.php/Bagoas/article/view/461/385>> Acesso em: 12 mai. 2017.

PRIORI, M. D.; AMANTINO, M. (Orgs.) **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p. 12.

RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R.; REIS, M. A. S. **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

RAGO, M.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.) **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008;

RIBEIRO, P. R. M. A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R.; REIS, M. A. S. **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis: De Petrus *et al*; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 7-15.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade: gênero e educação**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995, p. 86-87.

SULLIVAN, N. **A critical introduction to queer theory**. New York: New York University Press, 2003.

TREGGIARI, S. Ideals and practicalities in matchmaking in Ancient Rome. In: KERTZER, D. I., SALLER, R. P. (Eds.) **The family in Italy**. New Haven/London: Yale University Press, s/d.

VIEIRA, C. M. C. Crescer sem discriminações. Perscrutando e combatendo estereótipos de gênero nas práticas familiares e escolares. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R.; REIS, M. A. S. **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis: De Petrus et al; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 75-101.

WALTERS, J. *Invading the Roman body: manliness and impenetrability in Roman thought*. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) **Roman sexualities**. New Jersey: Princeton, 1997.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FONTES PRIMÁRIAS:

Corpus inscriptionum latinarum (CIL), uolumen quartum. Inscriptiones parietariae pompeianae, herculanenses, stabiannae. Berlim: Akademie der Wissenschaften, desde 1871.

MARCIAL: **Epigramas Eróticos**. Versión Miguel Romero y Martínez. Valencia: F. Sempere y Compañía, 1910.

OVÍDIO. **Obras: O Fastos, Os Amores e A Arte de Amar**. Tradução de Antônio F. de Castilho. São Paulo: Cultura, 1945.

SENECA, **Des Controverses**, IV, 10. Paris: Librairie Garnier Frères, 1932.

Recebido em: 01/07/2017

Aprovado em: 01/09/2017